

---

## **Iconografia de Maceió: Estudos de Elementos-Emblemas na Fotografia da Cidade nos Séculos XIX e XX<sup>1</sup>**

Jade Katlen Wesley de SENA<sup>2</sup>

Leandro Ferreira MARQUES<sup>3</sup>

Viviane da Silva LIMA<sup>4</sup>

Janayna ÁVILA<sup>5</sup>

Universidade Federal de Alagoas, Maceió - AL

### **RESUMO**

Neste artigo analisamos fotografias antigas da cidade de Maceió, do século XIX até os anos 60 do século XX, de diferentes autores(as), a partir da localização de elementos paisagísticos frequentes nessa representação visual. Mapeamos esses emblemas nas imagens e refletimos sobre a importância da relação entre fotografia e história para a contemporaneidade, já que a capital alagoana é comumente anunciada por seu aspecto natural (praias, lagoas, rios, mangues), embora os fotógrafos do passado tenham registrado não apenas elementos naturais da paisagem local, mas também edificações presentes na cidade. Na análise de parte do inventário imagético de Maceió, procuramos descobrir nas “entrelinhas” dessas imagens, micro-histórias sobre a capital alagoana implícitas nas fotografias da paisagem, a fim de lançar luz à importância desses “emblemas” para a memória visual da cidade e sua relação com a identidade cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia. Emblemas. Maceió. Memória visual

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas. Estudante pesquisadora do Pibic Iconografia de Maceió: estudo de elementos-emblemas na fotografia da cidade nos séculos XIX e XX. Membro do grupo de pesquisa GCult – Mídia, fotografia e cultura, e-mail: jade.katlen@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Alagoas. Bolsista do Programa de Educação Tutorial de Arquitetura / PET Arquitetura Ufal, Estudante pesquisador do Pibic Iconografia de Maceió: estudo de elementos-emblemas na fotografia da cidade nos séculos XIX e XX. Membro do grupo de pesquisa GCult - Mídia, fotografia e cultura, e-mail: lfmpet@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Alagoas. Estudante pesquisadora do Pibic Iconografia de Maceió: estudo de elementos-emblemas na fotografia da cidade nos séculos XIX e XX. Membro do grupo de pesquisa GCult – Mídia, fotografia e cultura, email: vivian3\_sl@hotmail.com

<sup>5</sup> Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas. Pesquisadora em fotografia, identidade cultural e memória. Orientadora do Pibic Iconografia de Maceió: estudo de elementos-emblemas na fotografia da cidade nos séculos XIX e XX. Líder do grupo de pesquisa GCult – Mídia, fotografia e cultura, email: janayna.avila@ichca.ufal.br

---

## FOTOGRAFIA E REALIDADES

As representações imagéticas são como reflexos das sociedades em que são produzidas. Elas simbolizam a constituição de realidades superpostas, pois o que se mostra em uma imagem diz tanto quanto o que não se mostra nela. Para Kossoy (1999):

A imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades. A primeira é a mais evidente, visível. É exatamente o que está ali, imóvel no documento (ou na imagem petrificada no espelho) [...], isto é, a *realidade exterior*, o testemunho, o conteúdo da imagem fotográfica (passível de identificação), a *segunda realidade*, enfim. As demais faces são aquelas que não podemos ver, permanecem ocultas, invisíveis, não se explicitam, mas que podemos intuir; é o outro lado do espelho e do documento; não mais a aparência imóvel ou a existência constatada mas [...] a *realidade interior* da imagem: a *primeira realidade*. (KOSSOY, 1999, p.131-132, grifo do autor)

Assim a fotografia expressa a construção imagética da cidade, estruturando uma identidade visual. Através do enquadramento, que valoriza alguns fragmentos do espaço e ignora outros, esses recortes da cidade expressam as relações sociais de entendimento do belo, da cultura e dos desejos e visões de mundo de uma sociedade. O que foi registrado no recorte temporal desta pesquisa (século XIX até os anos 60 do século XX) era considerado socialmente relevante. Afinal, nesse período a fotografia havia acabado de surgir, na segunda metade do século XIX, na Europa, e dava seus primeiros passos no Brasil. Era uma tecnologia com diversas limitações técnicas, econômicas e sociais, o que reflete no registro construído imageticamente da Maceió da época. Nessa investigação, propomo-nos a mapear/apontar esses elementos frequentes nas imagens e refletir sobre a importância da relação entre fotografia e história para a contemporaneidade. Os fotógrafos do passado, desde fins do século XIX até meados do século XX, registram não apenas elementos naturais da paisagem local, pelos quais Maceió é conhecida atualmente, mas também edificações presentes na cidade.

Para a pesquisa, foram coletadas imagens no Arquivo Público de Alagoas, no Museu da Imagem e do Som de Alagoas (Misa), nas páginas do Facebook Maceió Antiga e História de Alagoas em Fotos e no livro “Japson Almeida: fragmentos de um olhar” (2015), organizado por Japson Filho e outros autores. Essas imagens foram organizadas, catalogadas e numeradas até chegarmos a um número total de 268

---

fotografias dos emblemas mais frequentes vistos durante a seleção. Através do mapeamento e análise de parte do inventário imagético de Maceió buscamos estabelecer um diálogo entre tais fotografias e aspectos históricos e geográficos da cidade, no intuito de buscar informações que não estão na imagem, para então investigar e refletir sobre elementos urbanos da capital alagoana que não existem mais fisicamente, mas que resistem e permanecem na memória coletiva social alagoana.

### **A IMAGEM DE MACEIÓ - DO SÉCULO XXI ATÉ 1960**

Nesse sentido da construção imagética da cidade revelar expressões sociais de entendimento do belo, da cultura e dos desejos e visões de mundo de uma sociedade, o corpus de fotografias antigas da capital alagoana obtidos e organizados (totalizadas em 268) apontam para uma assiduidade de alguns elementos da paisagem: no bairro do Centro - o Palácio dos Martírios (14 fotos), o Relógio Oficial (10 fotos), o Museu Théo Brandão (7 fotos) e o Hotel Bela Vista (8 fotos); no bairro do Jaraguá - a antiga Recebedoria Central (6 fotos) e a Estátua da Liberdade (6 fotos); no bairro do Farol - o Farol Marítimo (7 fotos); no bairro da Ponta Verde - o Gogó da Ema (6 fotos); e no bairro da Pajuçara - os Sete Coqueiros (04 fotos). Constata-se também uma grande quantidade de fotos dos bairros do Centro e do Jaraguá, mais fortemente dos ambientes da Rua do Comércio (31 fotos), da Praça dos Martírios (19 fotos), da Praça Dom Pedro II (12 fotos), no Centro, e da Rua Sá e Albuquerque (14 fotos), no Jaraguá.

#### **Análise técnica das fotografias**

A fotografia surgiu na segunda metade do século XIX, na Europa, e o contexto em que se dá essa descoberta revela muito sobre o seu advento, prática e desenvolvimento. O sistema perspectivo que deu suporte à fotografia foi a *perspectiva artificialis*, criada durante o Renascimento. No século XV, ela era colocada em prática nas representações pictóricas. Na época, essa descoberta "significou o descobrimento de um sistema de representação 'objetivo', 'científico' e, portanto, absolutamente 'fiel' ao espaço real visto pelo homem" (MACHADO, 2015, p. 75). A fotografia herdou não apenas o sistema perspectivo do Renascimento, mas também, e principalmente, o seu

teor ideológico e significativo, que prossegue, principalmente no âmbito do senso comum, até hoje sobre o olhar que a sociedade tem com relação à fotografia. A frase “uma imagem vale mais do que mil palavras” é bem conhecida e vem desse histórico que a fotografia carrega. No entanto, com o advento da tecnologia e o maior acesso à informação isso tem mudado, pois as pessoas passaram não apenas a consumir imagens, mas também a produzi-las, tendo maior dimensão dos processos que envolvem a sua construção e gerando, desse modo, maior questionamento sobre o que é divulgado.

Contudo, as imagens que compõem esta pesquisa estão dentro de outro recorte histórico que vai do final do século XIX até a década de 1960 do século XX, ou seja, o modo técnico de produção das fotos aqui selecionadas seguem um padrão que está vinculado de modo geral à produção de imagem que estava em vigor nesta época. A origem da fotografia se deu através de uma junção que advém da perspectiva renascentista a outros mecanismos ópticos e químicos que posteriormente foram acrescentados no processo de desenvolvimento dessa, “sabe-se hoje, porém, que todos os sistemas perspectivos são relativos e condicionados historicamente” (MACHADO, 2015, p. 76) e é dentro deste viés, levando em consideração o contexto histórico a que pertencem, que as fotografias aqui presentes serão analisadas. Destacando que, desse modo, o que temos aqui são os primeiros registros, encontrados, dos emblemas de Maceió.

Fig.01 - Praça dos Martírios, Centro de Maceió



Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 2018. / Autoria: Não identificado, [19--?].

---

O Palácio do Governo ou dos Martírios, como também é conhecido o edifício que ocupa a praça de mesmo nome, é um elemento paisagístico que se destaca entre as fotos selecionadas para análise. A praça a qual ele compõe fica localizada no centro comercial de Maceió, é um local central na dinâmica da cidade no que diz respeito à circulação e ocupação desse espaço pelas pessoas, fazendo com que o mesmo virasse um ponto de referência da cidade.

Na Figura 01 podemos observar que o enquadramento da foto engloba não apenas o Palácio dos Martírios, mas também a praça e parte da Igreja de Nosso Senhor Bom Jesus dos Martírios, que são os elementos principais da imagem como um todo. Além disso, existem as demais construções que não se destacam dentro da arquitetura presente e a atual rua Melo Moraes, no lado esquerdo da imagem, que nos dá uma sensação de continuidade na fotografia. Essa sensação é obtida através de uma perspectiva central que é formada por dois elementos fundamentais: infinitude e homogeneidade. “A perspectiva central nasceu estabelecendo as propriedades de distância; ela é a expressão de um egocentrismo da óptica e do pensamento, um subjetivismo total que marca o início dos tempos novos” (MACHADO, 2015, p. 84).

“Por infinitude pode se entender a continuidade (imaginária) da cena para além dos limites materiais do quadro” (MACHADO, 2015, p. 80), no caso, da foto que pode ser observada como uma janela, tendo a impressão de que a imagem se estende para além das margens estabelecidas pelo enquadramento. A homogeneidade é nítida na “materialidade gráfica: tudo parece unificado, mas unificado não por forças místicas ou divinas e sim por relações geométricas [...]” (MACHADO, 2015, p. 81). A perspectiva central é um elemento presente na Figura 1: a igreja ocupa o primeiro plano da fotografia, por isso ela parece ser maior que o Palácio, as dimensões geométricas dos elementos da fotografia condizem com ângulo escolhido para o registro, isso proporciona unidade para a imagem. Embora a igreja ocupe o primeiro plano o Palácio é que tem destaca, isso foge à regra geral.

Outra característica técnica que reforça isso é o plano aberto em ângulo *plongée*, a chamada câmera alta. Essa escolha proporciona justamente a ideia de mergulho na fotografia, reforçada pelos outros elementos aqui citados. A câmera alta destoa do olhar

natural que se tem geralmente, o frontal. Ela proporciona o que é chamado de “ângulo privilegiado de lugar panóptico”. Esse ângulo possibilita “uma visão abrangente e integral do evento e, ao mesmo tempo, simula uma exposição externa ao evento” (MACHADO, 2015, p. 121). Nesse caso, não se trata de um evento, mas a lógica prossegue. Isso poderia ser usado significativamente como uma forma de pontuar um desnivelamento desfavorável ao que está sendo registrado, no entanto isso não ocorre, pois neste caso o ângulo *plongée* proporcionou uma impressão de grandiosidade da Praça dos Martírios, ou seja, esta é uma fotografia que dribla as regras que caracterizam as técnicas que a compõem. Mas ao observar uma foto construída “em perspectiva, o espectador parece ver tão somente o ‘reflexo’ especular de uma realidade que se abre para ele como uma janela; o que ele não percebe, na maioria das vezes, é que esse quadro já está visto por um olho hegemônico que lhe dirige o olhar” (MACHADO, 2015, p. 84).

Fig.02 - Praça Dom Pedro II, Centro de Maceió



Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 2018. / Autoria: Não identificado, [19--?].

A Figura 02 também retrata o bairro do Centro e reúne três elementos paisagísticos que se tornaram emblemas da capital alagoana: a Praça Dom Pedro II, a Catedral Metropolitana de Maceió e o Farol Marítimo. Embora esses três elementos importantes estejam presentes na fotografia o mais preponderante é a praça, conforme as escolhas estabelecidas na composição da fotografia. O plano geral retrata a dinâmica do local na época e, mesmo contendo outros elementos paisagísticos que chamam a atenção pela arquitetura mais elaborada, o fotógrafo opta por fazer um registro geral, que inclua as pessoas transitando, o bonde seguindo seu percurso, as árvores. A

---

Assembleia Legislativa - edifício à direita - e a Catedral de Maceió ocupam o segundo plano, mas não deixam de chamar mais atenção do que os outros elementos que ocupam o primeiro plano. Este enquadramento tem como objetivo primário, por assim dizer, de fazer um registro geral da praça.

O ângulo escolhido pode ser nomeado de normal, pois aparenta que a câmera estava posicionada na altura dos olhos de uma pessoa adulta que observa essa paisagem de pé. E embora esse ângulo possa ser nomeado como normal essa perspectiva não deixa de ser uma construção “já que esta, por natureza, é uma topografia organizada em função do ponto de vista do sujeito da representação” (MACHADO, 2015, p. 116), ou seja, não há um olhar neutro, sem nenhuma intenção na construção de uma imagem. A escolha desse enquadramento, nitidamente, não tem a intenção de dar destaque ao Farol Marítimo, por exemplo, que aparece em terceiro plano, jogado ao fundo, à esquerda da igreja, quase imperceptível, reduzido “de tamanho na relatividade das proporções perspectivas e, dessa forma, funciona com um peso menor na escala de importância da cena” (MACHADO, 2015, p. 116).

Há uma falsa premissa de que a fotografia seja um reflexo da realidade, contudo é importante que o espectador, ao observar uma imagem, tenha a consciência de que a fotografia como um todo é uma construção. Ela é composta por várias seleções, que são resultados de escolhas que operam em prol da intenção do fotógrafo que fica implícita, ou não. O que é fotografado, ou seja, o referente geralmente é o que chama atenção para a análise do espectador. No entanto, não é apropriado se restringir a isso, o questionamento para além do notável e o senso crítico com relação essas seleções e escolhas são essenciais para a leitura das imagens.

Barthes sentencia: sem referente não há fotografia; mas nós poderíamos completar: só com referente, muito menos. Se não existir câmera escura, a lente com o seu poder organizador dos raios luminosos, um diafragma rigorosamente aberto como manda a análise da luz operada pelo fotômetro, um obturador com velocidade compatível com a abertura do diafragma e a sensibilidade da película, ainda assim se não houver uma fonte de luz natural ou artificial modelando o referente e um operador regendo tudo isso, também não haverá fotografia, muito embora o candidato a referente possa estar disponível. A ênfase no referente, a concepção de fotografia como reflexo bruto da “realidade” só se pode justificar com postura estratégica, isto é, ideológica. (MACHADO, 2015, p. 47).

Fig.03 - Farol Marítimo, Maceió



Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 2018. / Autoria: Não identificado, [19--?].

Em contrapartida, o reconhecimento do Farol Marítimo na Figura 03 é mais nítido. Os elementos da cidade que permanecem na memória visual coletiva ou até mesmo que ultrapassam essa esfera mantendo-se como referência, mesmo após ao seu desaparecimento físico, como é o caso do Farol, Relógio Oficial e o Gogó da Ema, resistiram às mudanças urbanísticas, sociais, econômicas, entre outras pelas quais a cidade e a sociedade passaram e foram por vezes ressignificados e contextualizados de modo diferente da forma com que eram reconhecidos em suas origens, passando a dar nome a lugares, como é o caso do bairro do Farol, que é um ponto central no deslocamento pela cidade e é um local que serve como referência.

O Farol Marítimo nesta imagem está representado por um ângulo normal, frontal, em um plano médio em que toda sua estrutura, limitado a um determinado ângulo, aparece na imagem, centralizado, em primeiro plano, eliminando possíveis elementos que possam estar ao seu redor. Esse enquadramento deixa clara a intenção do fotógrafo de tentar fazer uma imagem “objetiva” do Farol, procurando não dispersar a atenção do espectador. No entanto, é válido ressaltar que “nada é mais subjetivo do que as objetivas fotográficas, porque seu papel é personificar o olho do sujeito da representação” (MACHADO, 2015, p. 44).



Fig.04 - Relógio Oficial, Maceió



Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 2018. / Autoria: Não identificado, [19--?].

O Relógio Oficial, que ficava na Rua do Comércio, no centro de uma bifurcação rodeada de trilhos dos bondes e prédios comerciais, tendo assim amplo destaque de visualização, é outro elemento paisagístico de Maceió que fisicamente não existe mais. A recorrência de imagens do Relógio Oficial e de outros elementos característicos da Revolução Industrial que estava em vigor naquele momento é um sinal de que os fotógrafos da época tinham interesse de registrar a urbanização de Maceió. A autora Giovana Emos da Luz pontua, no texto intitulado “A relação entre a forma e a função do espaço urbano na composição da imagem das cidades”, que o aspecto visual de uma cidade, os objetos que compõem a paisagem urbana têm a capacidade de se tornar funcionais. “Pode-se exemplificar, historicamente, a apropriação e o uso da forma da cidade para fins ideológicos: controle social, dominação política, reprodução de modos de produção econômico, imposição cultural” (2010, p. 3). Ou seja, a visualização de elementos que veiculam ideias, sendo eles da arquitetura ou da fotografia, que através dos registros dessas mudanças nos aspectos visuais também podem reforçar e sinalizar ideias, que possivelmente marcará a história de um local em determinada época.

O Relógio Oficial é um elemento paisagístico que segue essa linha de urbanização da capital e sinaliza a industrialização de Maceió. A maior ênfase na perspectiva de tempo em uma época em que a industrialização está ligada à agilidade e, conseqüentemente, ao tempo, o relógio torna-se um elemento que se faz notar e vira referência para os transeuntes do Centro de Maceió. A Figura 04, aqui presente, retrata

simbolicamente essa perspectiva de importância e destaque do Relógio Oficial, pois ele está enquadrado centralmente na imagem, em um primeiro plano, e a sua dimensão em relação aos prédios a sua volta é de grandeza. Ele é o elemento que mais se destaca na paisagem e o grupo de pessoas ao redor também reforça essa interpretação.

### **O contexto de crescimento da capital alagoana**

Tomando como fundamento as análises das fotografias em questão, sua correlação com a frequência e as demais imagens obtidas, percebe-se a construção de um ideal, na passagem dos séculos, de uma Maceió urbana, com a presença de prédios públicos - como o Palácio dos Martírios inaugurado em 1902 - de ruas pavimentadas, com áreas públicas ornamentadas e embelezadas por estátuas, postes, bancos e monumentos de ferro - como o Relógio Oficial e a Estátua da Liberdade - e jardins franceses, simétricos e racionais - e com energia elétrica - sendo uma das primeiras capitais do Brasil ao final do século XIX a ter tal infraestrutura - (TICIANELI, 2018).

Revela-se também uma economia ativa, demonstrada no aparecimento de diversos comércios e, principalmente, do Farol Marítimo, guia da atividade portuária de agroexportação da capital. Isto é, todas essas fotografias são sinônimos, para a época, de uma cidade desenvolvida e em crescimento, tendendo, dessa maneira, a busca de uma noção europeia, pautada pelo tempo, tecnologia e ordenação.

Fig.05 - Estátua da Liberdade e Cais do Porto, Maceió



Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 2018. / Autoria: Não identificado, [19--?].

---

O Cais do Porto, no bairro Jaraguá, comportava um grande fluxo de trabalhadores, marinheiros, negociadores, viajantes, entre outros. Era o único meio de embarque e desembarque de navios na época e teve papel fundamental na exportação de açúcar produzido a partir da cana-de-açúcar em Alagoas. A Estátua da Liberdade foi levada ao Jaraguá depois da reforma da Ponte de Jaraguá, como forma de valorização. Em Maceió existem registros fotográficos da estátua em diversos bairros como Jaraguá, Farol e Pajuçara. Ela era levada para valorizar e homenagear os locais onde era colocada.

Ainda assim, uma pequena fração dos elementos paisagísticos frequentes mostra a presença da água - mar, rios, lagos ou riachos -, não ligada ao ideal comercial, mas como um objeto de contemplação e de cunho tropical/regional, a exemplo das fotografias do coqueiro Gogó da Ema, que começou a chamar a atenção da sociedade maceioense na década de 40. Ao ter como base a história de estruturação urbana de Maceió e suas transformações e comparar com tais constâncias imagéticas, entende-se o motivo desses registros.

O nome Maceió é de origem indígena (tupi) - Massayó ou Maçai-ok - e significa aquilo que tapa o alagadiço, fazendo referência ao seu sítio natural, de áreas alagáveis e corpos d'água, essenciais no desenvolvimento inicial de ocupação urbana da área (SIMÕES, 2017). Assim, os atuais bairros do Centro e Jaraguá foram os primeiros núcleos de assentamento urbano, devido à sua posição marítima e topográfica de favorecimento de estadia e de escoamento de mercadorias. Pelo mesmo motivo a cidade vira capital em 1839, surgindo demandas de expansão e crescimento populacional.

Dentro dessas circunstâncias, estimuladas por questões políticas e econômicas, o discurso higienista europeu - “ideal de progresso” - ganhava espaço nacional na época. Amparado na teoria dos miasmas<sup>6</sup>, as áreas alagadiças eram vistas como fontes de doenças, insalubridade, impróprias para a higiene pública, o saneamento, um empecilho na expansão e ocupação humana, o que impactou diretamente nas posturas municipais de planejamento urbano, pautadas, assim, em propostas de aterro, drenagem e retificação de corpos d'água (COSTA, 2006).

---

<sup>6</sup> Segundo tal teoria as doenças teriam origem nos miasmas: conjunto de odores fétidos advindos de matéria orgânica em putrefação nos solos e lençóis freáticos contaminados.

Quer dizer, ao fomentar o “desenvolvimento” do território, perde e priva o imaginário coletivo social de criação de símbolos e significados de cunho regional, comprovados no registro fotográfico frequente de uma Maceió que se constrói suportada em conceitos externos, ao passo que incentiva a negação de si mesma, de seus aspectos naturais. Na figura 06 observa-se o riacho Salgadinho, à esquerda, próximo ao Museu Théo Brandão, onde atualmente fica a praça Sinimbu. O riacho foi aterrado e teve seu percurso restrito e modificado em prol de uma cidade mais “limpa”.

Fig.06 - Museu Théo Brandão, Maceió



Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 2018. / Autoria: Não identificado, [19--?].

Com isso, o processo de evolução urbana da capital alagoana, entre o final do século XIX até 1960, caracteriza-se pela consolidação de seus primeiros assentamentos urbanos, os bairros do Jaraguá e Centro, e por um processo de aglutinação de novos territórios, devido ao aumento demográfico populacional e o constante êxodo rural (FARIA; COSTA, 2014), logo, da necessidade de crescimento da cidade, ocupando novos bairros: Bebedouro, Levada, Trapiche, Farol, Mangabeiras, Pajuçara e outros.

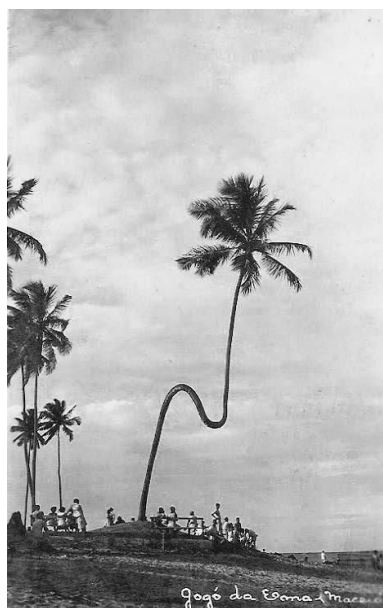
Nessa conjuntura, a cidade reaproxima de seu contexto urbano os corpos d'água, agora, pela imagem do mar. Segundo Lima et al. (2010) no artigo “A identificação dos moradores com os novos espaços urbanos que promovem a imagem turística de Maceió (AL)”, os discursos higienistas nos meios acadêmicos e científicos eram mais incisivos em relação às áreas das lagoas, associadas ao mangue, ao caranguejo e à lama - dito sujo - e que o cunho pejorativo das paisagens aquáticas marítimas em Maceió deu-se até a

década de 40. Por tais motivos e pelo privilégio turístico-institucional do lazer marítimo em detrimento do lazer lagunar, Lima et al. (2010) diz que:

Após a Segunda Guerra Mundial, o turismo passa por uma transformação radical em todos os países, com a melhoria do sistema de transportes e comunicações, [...] além do aumento de renda da população dos países vencedores [...]. Entretanto, somente a partir da década de 1960 é que **a visão negativizada das paisagens, praias, canais e lagoas de Maceió foi deixada de lado por meio do discurso turístico-institucional**, divulgado pelos meios de comunicação. Com isso, a paisagem aquática passa a ser valorizada e incentivada para fins turísticos e consequentemente econômicos. (p. 04-05, grifo nosso).

Tal afirmação explicita a causa do registro frequente de elementos da paisagem associados a figuras tropicais na década de 40, como o Gogó da Ema e os Sete Coqueiros. Estes pontos emergiram como referências e pontos turísticos de Maceió, ao ponto de que, mesmo após terem deixado de existir, a impressão deixada na cidade faz com que sejam pontos de referência até hoje, não só geograficamente, mas como símbolos de Maceió. Esse fenômeno se relaciona com a natureza da fotografia em si, de registro. “As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivo que perpetuam a memória. A cena gravada não se repetirá jamais.” (KOSSOY, 1999, p. 139).

Fig.07 - Maceió, Gogó da Ema.



Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 2018. / Autoria: LAVENÉRE, [ca. 1950].

---

Até hoje, o Gogó da Ema é utilizado como símbolo remetente a Maceió em camisas, cadernos e até tatuagens como manifestação de afetos com a cidade, como formas de lembrança. Além disso, o antigo coqueiro nomeia locais como a praça, um hotel, uma editora, uma assessoria de comunicação, uma cachaça, monumentos, bares, restaurantes, entre outros. Percebemos uma relação de afeto com os emblemas da cidade, um laço emocional criado com o espaço, com a vida que foi construída no lugar, representada pelos símbolos registrados fotograficamente. Esse sentimento perdura através da fotografia, como destaca Cláudia Linhares Sanz.

[Trata-se de] perceber a faísca de um passado que não pode mais agir, que agirá, no entanto, ao se inserir numa sensação presente da qual toma emprestada sua vitalidade. Uma origem permanente que se vitaliza, em diferença e incompletude, num devir que não é linear, em sequência, mas coexistente, atual, presente. (SANZ, 2009, p. 13)

Os emblemas de Maceió trazem, em sua carga simbólica, a narrativa e a identidade da história da cidade, narrativa essa contada também através de muitas das fotografias aqui representadas.

## CONCLUSÕES

Dessa forma, compreende-se, inicialmente, que essa construção da iconografia de Maceió, composta por esses elementos frequentes, são reflexos de expressões sociais de entendimento do belo, da cultura e dos desejos e visões de mundo de uma sociedade. Nesse sentido, percebe-se, com a análise realizada, que a visão da cidade de Maceió pelas fotografias é fragmentada a fim de se mostrar determinados recortes dela, representações daquilo que se deseja demonstrar. Isso é, com o passar das transformações urbanísticas do território maceioense, há uma negação dos aspectos de caráter regional - muito fortemente dos corpos d'água - e, posteriormente, uma reaproximação - pela imagem das praias -, uma vez que tais mudanças são baseadas em conceitos externos - europeus - de “desenvolvimento social, econômico e cultural”.

Assim, a assiduidade das fotografias encontradas revela mais do que um conteúdo físico - os elementos da paisagem -, demonstra uma maneira do como se sentir em relação a eles - manifestada na construção da fotografia em si (enquadramento,

edição e posicionamento). Dessa maneira, contribui na criação de símbolos e emblemas na formação da memória visual da sociedade maceioense, símbolos que demonstram e marcam essas mudanças urbanas, aspectos sociais e culturais e, por isso, alguns resistem até hoje, como a imagem de paraíso das águas da cidade de Maceió - devido ao turismo - e outros não, já que tais transformações valorizam alguns elementos da paisagem e o que eles representam sobre a capital alagoana na medida em que negam outros. São nessas transformações registradas e representadas imageticamente desde o século XIX que a identidade cultural da Maceió atual é estruturada.

## REFERÊNCIAS

- COSTA, Lúcia. Rios e Paisagens Urbanas em Cidades Brasileiras. São Paulo: Viana & Mosley, 2006.
- FARIA, G. M. G.; COSTA, V. R. Conjunto habitacional popular, tecido urbano e esfera pública – Maceió, Alagoas, Brasil: 1950-2000. **Paisagem e Ambiente**: ensaios, São Paulo, n.33, p.181-204, 2014.
- KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- LIMA et al. **A identificação dos moradores com os novos espaços urbanos que promovem a imagem turística de Maceió (al)**. São Paulo: USP, 2010. Trabalho publicado nos anais do III Colóquio Internacional sobre comércio e cidade: uma relação de origem, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/3\\_cincci/035-adriana-capretz.pdf](http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/3_cincci/035-adriana-capretz.pdf)>. Acesso em: 11 fev. 2019.
- LUZ, Giovana Emos. **A relação entre a forma e a função do espaço urbano na composição da imagem das cidades**. In: Congresso Internacional do Curso de História, 1, Goiás: UFG, 2010.
- MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: uma teoria da fotografia**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.
- SANS, C. **Fotografia e tempo: vertigem e paradoxo**. Curitiba, PR. Artigo publicado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.
- SIMÕES, L. (coord.). **Maceió 200 anos**. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2017.
- TICIANELI, E. **História de Alagoas**, Maceió, 21 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/maceio-foi-uma-das-primeiras-capitais-do-pais-a-ser-iluminada-por-energia-eletrica.html>>. Acesso em: 03 fev. 2019.